



BOLETIM INFORMATIVO

CERJ

Nº 461 ANO 42 OUT. 80

centro excursionista rio de janeiro



CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO

- Reconhecido de Utilidade Pública por Decreto-Lei da Assembléia-Legislativa
- Fundado em 20 de janeiro de 1939
- Sede própria: Av. Rio Branco nº 277 - Sala 805 - Rio de Janeiro
- Expediente: Terças e sextas das 19:00 às 22:00 horas - Tel.: 220-3548
- Membro fundador da Federação de Montanhismo do Rio de Janeiro
- Boletim nº 461, Ano 42, Outubro de 1980

EDITORIAL

Dando continuidade ao nosso trabalho, a Diretoria do CERJ promoveu, no mês de setembro, atividades técnico-sociais que mobilizaram um grande número de associados.

Foi realizada uma excursão de dois dias à Pedra Selada, em ônibus contratado, onde contamos com o apoio do GEAN (Grupo Excursionista Agulhas Negras), que se integrou ao nosso grupo em Resende. Neste particular, devemos o agradecimento àquele grupo, que se colocou inteiramente ao nosso dispor para nos orientar rumo ao pico da Pedra Selada, tendo alterado, inclusive, a sua programação normal de excursão.

Na Sede do CERJ houve a inauguração do "Dia do Guia Cerjense", reunindo alguns de nossos guias numa noite de alegre confraternização. Infelizmente, devido a alguns contratemplos, não pudemos nos articular no sentido de mobilizar um número maior de guias para tornar a nossa festa ainda mais animada. Entretanto, para o próximo ano, esperamos contar com a presença maciça do nosso Corpo de Guias.

Portanto, convidamos a todos vocês para virem participar de nossas atividades a fim de que possamos prosseguir na nossa luta por um CERJ cada vez maior.

A DIRETORIA

* * * * *

— PROGRAMAÇÃO DE EXCURSÕES DO CERJ PARA O MÊS DE OUTUBRO DE 1980 —

DIA	EXCURSÃO	CLASSIFICAÇÃO	GUIAS
05 DOM	PEDRA BONITA (Excursão Ecológica)	CAMINHADA LEVE (Serão plantadas árvores)	LOURDES & ROTHIER
11 e 12 SAB/DOM	POLEGAR (P.N.S.O.) Bivaque: Toca da Cuica	CAMINHADA SEMI-PESADA Encontro: SAB, 13h, RODOVIÁRIA	TEIXEIRO & SANTA CRUZ
12 DOM 12 DOM	S. DUMONT (Pão de Açúcar) COSTÃO DO PÃO DE AÇUCAR	ESCALADA DE 2º GRAU ESCALADA DE 1º GRAU	VAVÁ GERHARD
19 DOM	J. DE CASTRO (Agulhinha)	ESCALADA DE 2º GRAU	SAYÃO
19 DOM	CHAMINÉ PÃO DE AÇUCAR	ESCALADA DE 2º GRAU	VAVÁ
25 e 26 SAB/DOM	ABRIGO Nº 1 DO P.N.S.O. Reservado para o CERJ	ABRIGO DE MONTANHA (P.N. Serra dos Órgãos)	CLAUDINHO
25 SAB	AGULHINHA BEIJA FLOR	CAMINHADA LEVE	SANTA CRUZ
26 DOM	GARRAFÃO (P.N.S.O.)	CAMINHADA PESADA	VAVÁ
01 e 02 NOVEMBRO SAB/DOM	T R A V E S S I A PETRÓPOLIS-TERESÓPOLIS	CAMINHADA PESADA (com Bivaque)	VAVÁ
09 DOM NOVEMBRO	CAMPO ESCOLA DA PEDRA (Pedra de Guaratiba)	TREINAMENTO DE DESCALADAS c/ e s/ aparelhos p/descidas	SALOMITH & SANTA CRUZ

— PROGRAMAÇÃO SOCIAL DO CERJ PARA O MÊS DE OUTUBRO DE 1980 —

Dia 31 de outubro às 20:30 horas na Sede do CERJ projeção de slides com fundo musical típico.

Tema: "Paisagem Andina" - Promoção Hélio Paz

PARTICIPE DA PROGRAMAÇÃO DO CERJ

* * * * *

GUIA DO ALPINISTA

- * Para realizar uma escalada ou uma caminhada em montanha é necessário que o alpinista esteja com boa saúde física e mental.
 - * Se o alpinista sofrer de algum problema de saúde física ou mental, deve procurar um médico e seguir seus conselhos e indicações e só ir à montanha quando se sentir em perfeita saúde.
 - * O montanhista deve levar uma vida ordenada, tanto na cidade quanto na montanha.
 - * É muito importante a prática regular da ginástica.
 - * Correr é uma forma de encontrar a melhor condição física para que a ida a montanha seja agradável e traga uma melhoria no preparo físico e não a fadiga.
 - * Para a prática de caminhadas e escaladas em montanha é necessário ter um treinamento prévio muscular e mental - de ânimo - e conhecimentos básicos de técnica além da utilização de equipamento adequado.
 - * Regra absoluta: não empreender uma grande excursão, sem o devido treinamento e experiência.
 - * A ciência do alpinismo compreende também uma parte teórica fundamental que se adquire com a leitura de livros especializados, com a experiência dos demais companheiros, estudos de mapas, cursos de extensão e seminários sobre os distintos aspectos das montanhas e do esporte em montanha.
 - * Para a montanha se leva estritamente o necessário e suficiente, é importante não carregar coisas supérfluas, a não ser em situações especiais. Arrumar bem a mochila é muito importante. O prazer vai em função direta da eficiência.
 - * O álcool é um supérfluo na montanha e deve ser utilizado apenas em pequenas quantidades em certos casos de perigo, já próximo ao abrigo ou acampamento.
 - * O calçado e a mochila tem importância definitiva nas montanhas. As mãos livres e o peso nas costas.
 - * É muito conveniente aos que desejam realizar caminhadas e escaladas em montanha, ingressar num centro excursionista (C.E.), pois o ambiente é solidário e ensina pouco a pouco.
Tirado do livro: "AL ENCONTRO CON LA TIERRA" de Cesar Peres de Tudela. Tradução e adaptação feita por Waldinar Santos de Menezes (VAVÁ).
-

MAIS TRES EXCURSÕES

SANTA CRUZ

No boletim de setembro, publicamos um artigo chamado TRES EXCURSÕES, relatando a TRAVESSIA REBOUÇAS-NAUÁ, a MARIA COMPRIDA e a inauguração do CAMPO ESCOLA DA PEDRA DE GUARATIBA.

Agora, no mes de outubro, voltamos a destacar tres excursões entre aquelas realizadas no mes de setembro: O POLEGAR, o MEU CASTELO e a PEDRA SELADA.

No dia 7 de setembro o CERJ fez uma excursão ao POLEGAR, no Parque Nacional da Serra dos Órgãos. Os guias foram Zai e eu. A excursão reuniu 8 companheiros que madrugaram, para ainda pela manhã atingir o cume do POLEGAR. Desde junho, todos os meses temos programado uma excursão ao POLEGAR, que tem dois objetivos: o primeiro a ida ao POLEGAR em si, com todos os atrativos em montanha, o segundo objetivo é dar continuidade à conquista do CERJ na face sudeste do Dedo de Deus.

No dia 14 de setembro o CERJ foi em grande estilo ao MEU CASTELO. O guia da excursão foi o Sayão, que com ajuda do Vavá, levou 17 companheiros a fazer tirolesas, e descidas no CAMPO ESCOLA DO MEU CASTELO. A excursão foi um sucesso.

No último fim de semana de setembro o CERJ fez uma excursão à PEDRA SELADA, com ônibus especialmente fretado. O guia da excursão foi o Vavá que contou com a importante colaboração dos guias Júlio e Zicam, do co-irmão GEAN. A excursão foi excelente, contando com acampamento em uma fazenda próxima da PEDRA SELADA em região de rara beleza.

Mais tres excursões: POLEGAR, MEU CASTELO, PEDRA SELADA. Assim prossegue o CERJ, realizando memoráveis excursões para todos os CERJENSES.

Nota do D.T.

O Departamento Técnico do CERJ informa que já estão abertas as inscrições para o curso de CORDAS E NÓS.

Após o curso de CORDAS E NÓS, serão oferecidos pelo CERJ cursos de PRIMEIROS SOCORROS, ANIMAIS PEÇONHENTOS, TÉCNICA DE ESCALADA e DESCALADA, TÉCNICA DE ACAMPAMENTO, ORIENTAÇÃO, SALVAMENTO, LIDERANÇA, E ECOLOGIA.

A sua participação como guia veterano é transcendental para a formação dos novos.

Entre em contato com o D.T. e venha participar.

CIDADE DO FUTURO OU CIDADE SEM FUTURO?

Em meados da década de 60, um dirigente da falecida SURSAN chamou os jornalistas ao seu gabinete e apontando orgulhosamente para painéis e maquetas em que centenas de quilômetros de túneis, viadutos e elevados se enovelavam sobre o mapa da cidade como polvos excitados, disse: "Assim estamos construindo o Rio do ano 2000". Desde então muitas daquelas pernas dos polvos já se materializaram em concreto e nem por isso a cidade está melhor. E se dentro os vários projetos de Rio-2000 predominaram os do tipo futurista, verticalista ou rodoviário, não há dúvida de que até lá esta maltratada cidade será não uma cidade do futuro e sim uma cidade sem futuro. Mas isto não significa que não haja um projeto do Rio humano e ao mesmo tempo viável. Ele está na cabeça de todo cidadão dotado de um pouco de bom senso. Por coincidência, esse projeto coincide quase inteiramente com os dos urbanistas, que até hoje não tiveram oportunidade de ver suas idéias aplicadas.

SE for palnejada por urbanistas

SE o planejamento dos urbanistas for levado em conta pelos legisladores e administradores.

SE a administração da Cidade acabar com o hábito de investir o dinheiro dos cidadãos em paliativos, isto é, em obras destinadas a minorar problemas já criados, passando a gastá-lo de preferência na criação de condições que impeçam o aparecimento de novos problemas.

SE o crescimento da Cidade for contido nas áreas onde já chegou a saturação.

SE esse crescimento for orientado para áreas novas ou ainda com baixo índice de densidade.

SE o crescimento dessas áreas for precedido da criação de uma infra-estrutura de serviços: água, esgotos, energia, comunicação, transportes, educação, saúde, segurança, etc.

SE a natureza for tratada como amiga do homem e não violentada como é hoje.

SE os morros não forem destruídos nem o seu perfil substituído por anéis de arranha-céus.

SE a sua vegetação for preservada ou restaurada quando necessário.

SE as lagoas não forem aterradas.

SE os cursos de água forem domados, para evitar inundações, mas não eliminados.

SE as praias forem defendidas da poluição.

SE aumentar o número de praças, áreas de lazer e locais de encontro.

SE os administradores chegarem finalmente à conclusão de que a Cidade foi feita para o homem e não para a máquina; a máquina deve ser apenas um instrumento a serviço do bem-estar do homem.

SE o transporte individual, consequentemente, for domado, de forma a servir o homem, ao invés de ser servido por este.

SE for criado um sistema de transporte de massa capaz de garantir a circulação das pessoas que habitam a Cidade, sem que elas tenham que destinar a maior parte da manhã o tempo que teriam para repensar, divertir-se, entregarem-se a atividades criativas ou simplesmente conviver.

SE esse sistema, além de ser eficiente, transporte os seus usuários como pessoas e não como gado a carinho do matadouro.

SE tudo for feito, finalmente, partindo-se da premissa de os homens aprenderem a viver em aglomerados urbanos porque descobriram que "o ar das cidades faz os homens livres"; se fosse para viver numa prisão, eles teriam continuado a morar em cavernas ou choupanas isoladas umas das outras por florestas e pantanos.

Transcrito do Jornal do Brasil
13 de abril de 1975.

A IMPORTÂNCIA DA LUTA PELA PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

O meio ambiente é o ar que respiramos, a água que bebemos, o barulho que ouvimos, as montanhas que subimos, as construções, as árvores, as flores, as pedras, os oceanos, os lagos, os rios e os espaços livres que vemos e onde nos movemos.

Todos os nossos pensamentos, desejos e ações o afetam e por nossa capacidade de manipular o mundo físico precisamos ter consciência do efeito que podemos ter sobre ele.

A ÁRVORE SALVA

O inofensivo ato de subir numa velha árvore, mas, no caso, para impedir sua derrubada, transformaria Carlos Alberto Dayrell, estudante mineiro de 21 anos morando há quatro em Porto Alegre, numa espécie de herói nacional na preservação do meio ambiente. Aluno do terceiro ano de engenharia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e membro recente da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural, Dayrell conseguiu salvar, ao menos por enquanto, a última acaciática, 80 anos e 10 metros de altura, que ainda existe no Parque Farroupilha.

O parque, conhecido como "REDENÇÃO", e implantado como um vital pulmão verde no centro da cidade, vem sendo, na verdade, sistematicamente devastado desde o início do século, sem que antes houvesse qualquer manifestação em sua defesa. Lá foram construídas várias faculdades, além de três avenidas de grande movimento. E é justamente para o alargamento de uma delas, caminho para um viaduto em construção, que o prefeito Telmo Thompson Flores de-

terminou a derrubada das árvores.

Na semana passada, entretanto, o prefeito encontraria o mais original dos adversários. Às 11 da manhã de terça-feira Dayrell já sabia que a acaciatipa seria posta abaixo, e tinha, também, a idéia de como tentar uma interrução da derrubada. Certo de que não adiantaria argumentar com os funcionários armados de serra elétrica, simplesmente subiu na árvore. E, lá de cima, decretou: "VOCÊS TÊM, ENTÃO, QUÊ ME DERRUBAR JUNTO".

Como o lugar é de grande movimento, logo se formou um público em volta da velha acaciatipa, naturalmente, todo favorável ao estudante, que logo passou a receber sanduíches e refrigerantes. As rádios e os jornais foram alertados. E, quando os inevitáveis pelotões motorizados da Brigada Militar chegaram no começo da tarde, já havia cerca de 500 pessoas no local, enquanto a Rádio Gaúcha mobilizava a atenção da cidade descrevendo passo a passo o surpreendente protesto. Mais ainda, dois outros estudantes tinham subido na árvore: Marcos Sarassol, 19 anos, segundo ano de matemática, e Teresa Jardim, 27 anos, casada, terceiro semestre de biblioteconomia.

A partir daí, e até o fim da tarde, a acaciatipa se transformaria num problema de segurança nacional, envolvendo o DOPS, o Serviço Secreto da Brigada e negociações dignas de um sequestro de jumbo. Embora alguns soldados murmurassem entre si que "O PROTESTO ERA VÁLIDO", a polícia logo instalou um cordão de isolamento, em torno da árvore já surgiam cartazes com dizeres vários clamando que "CHEGA DE DESTRUÇÃO", e se levantava um coro: "MAIS VERDE, MENOS CONCRETO". Em seguida, a operação militar foi reforçada com um carro de bombeiros, dotado de escada Magirus e de um decidido sargento: a árvore seria derrubada, disse ele, assim que viesse ordem do secretário da Segurança. "OS ESTUDANTES PODERIAM MORRER", lembrou alguém. "AZAR", respondeu o sargento.

Não se chegaria a tanto. Logo após, às 15h30, apareceu o capitão Joaquim Luiz dos Santos Montes, estudante de direito e oficial da Brigada Militar. Repellido com vaias e gritos rítmicos de "UM-DOIS", o capitão se afastou, mas voltou com o diretor da faculdade de engenharia, Admastor Uriartt, 45 anos que convidou os estudantes a descer e parlamentar. Tereza Jardim, dramaticamente, desafiou-o: "POR-QUE O SENHOR NÃO SOBE?" O diretor concordou, e convenceu Dayrell a descer e conversar com o secretário municipal de Obras e Viação, Plínio de Almeida. Diante da desconfiança geral, garantiu que "SE DAYRELL NÃO VOLTAR, SUBO NO LUGAR DELE".

Durante o encontro, que terminou com a promessa de que a acaciatipa seria poupada, o secretário Plínio de Almeida defendeu-se dizendo que as árvores morreriam de qualquer forma, e novas árvores as estavam substituindo. Além disso, garantiu, "NÃO FORAM DERRUBADAS MAIS QUE VINTE OU TRINTA; NÃO SOU UM INSENCÍVEL, UM TECNOCRATA, CORTO COM PESAR". Um manifesto da associação protecionista, entretanto, posteriormente lido por Dayrell, contestava o secretário, que também é professor de arquitetura, acerca do número de árvores cortadas.

Só em janeiro, dizia o manifesto, foram derrubadas 69 árvores no parque, com destruição de 800 metros quadrados de área. E concluía: "QUANTO AO PLANTIO DE ÁRVORES NOVAS, ELAS NÃO SUBSTITUEM AS VELHAS; SERIA O MESMO QUE NÃO SE IMPORTAR COM A MORTE DO VELHO E SÁBIO PREFEITO, POIS NÃO NASCEM TANTAS CRIANÇAS?" Terminado o encontro, e portador de boa notícia, Dayrell voltou à árvore, para testemunhar a inexplicável pancadaria em torno da árvore salva. Os dois estudantes, ao descerem, além de espancados foram presos, o mesmo acontecendo com dois repórteres.

Ao ser solta, no dia seguinte, Tereza perguntaria, perplexa: "DEFENDER UMA ÁRVORE É CRIME?" No correr da semana, jornais de Porto Alegre e de São Paulo responderiam negativamente, em grandes anúncios de homenagem aos três estudantes. Mas a melhor resposta talvez tenha sido a de Paulo Nogueira Neto, da Secretaria Especial do Meio Ambiente: "Se eu tivesse 20 anos, também subiria na árvore", disse ele em Brasília. "NÃO COMPREENDO COMO A TÃO LOUVÁVEL ATITUDE DOS ESTUDANTES GAÚCHOS PODE SER CONFUNDIDA PELAS AUTORIDADES RESPONSÁVEIS PELAS ARBITRARIEDADES COMETIDAS CONTRA OS MANIFESTANTES.

(Artigo publicado na revista VEJA em 05 de Março, 1975)

PARA QUE HAJA FUTURO, PRECISAMOS LUTAR POR UMA POLÍTICA ECOLÓGICA

A TERRA NOS FOI DADA

Depois de andar tantas horas sem encontrar nem uma sombra de árvore, nem uma semente de árvore, nem uma raiz de nada, ouve-se o latido dos cachorros. Acreditamos às vezes, no meio desta estrada sem beiras, que não haveria nada depois, que não poderíamos encontrar nada do outro lado, no final desta planura rachada de gretas e de arroios secos. Mas há alguma coisa. Existe um povoado. Ouvem-se os cachorros latindo e se sente no ar o cheiro da fumaça. Saboreia-se esse cheiro de gente como se fosse uma esperança.

Mas o povoado ainda está muito longe. É o vento que o aproxima. Viemos andando desde o amanhecer. Devem ser umas quatro horas da tarde agora. Alguém se volta para o céu, estende os olhos para onde o sol está pendurado e diz:

— Devem ser umas quatro horas da tarde. Este alguém é Melitón. Junto com ele, vamos Faustino, Esteban e eu. Somos quatro. Conto: dois na frente, mais dois atrás. Olho mais para trás e não vejo ninguém. Então digo para mim: "Somos quatro". Há pouco, assim pelas onze, éramos vinte e tantos, mas punhadinho por punhadinho foram se dispersando até ficar sô este grupo que somos nós. Faustino diz:

— Talvez chova. Todos nós levantamos o rosto e olhamos uma nuvem preta e pesada que passa por cima das nossas cabeças. E pensamos: "Talvez". Não dizemos o que pensamos. Já faz tempo que a nossa vontade de falar acabou. Acabou com o calor. Poderíamos conversar com muito prazer em outro lugar, mas aqui dá trabalho. Aqui a gente fala e as palavras se esquentam na boca com o calor de fora e ressecam a língua até acabarem com a nossa respiração. Aqui as coisas são assim. Por isso ninguém se anima a conversar.

Cai uma gota d'água, grande, gorda, fazendo um buraco na terra e deixando uma gosma como a de uma cuspidela. Cai sozinha. Ficamos esperando que continuem a cair e procuramos as gotas com os olhos. No entanto, não há mais nenhuma. Não chove. Mas se a gente olhar para o céu, vai ver a nuvem de chuva correndo pra muito longe, a toda pressa. O vento que vem do povoado se encosta nela, puxando-a para as sombras azuis dos montes. E a gota cai por engano e engolida pela terra e desaparece na sua sede.

Quem diabo teria inventado esse planalto tão grande? Pra que é que serve, hein? Tornamos a andar, pois tínhamos parado para ver a chuva. Não choveu. Agora voltamos a andar. E a mim parece que andamos mais do que realmente avançamos. Está me parecendo isso. Se tivesse chovido, talvez pensasse em outras coisas. Mas eu sei que, desde garoto, nunca vi chover no planalto isso que a gente chama mesmo de chuva.

Não, o planalto não é mesmo coisa de serventia. Não há coelhos nem pássaros. Não há nada. A não ser umas tantas esponjeiras peladas e uma que outra mancheira de capim com as folhas retorcidas. A não ser isso, não há nada.

E aqui vamos nós. Os quatro a pé. Antes andávamos a cavalo e trazíamos uma carabina pendurada. Agora não levamos sequer a carabina.

Sempre achei que nisso de nos tirarem a carabina fizeram bem. Por aqui é perigoso andar armado. Matam as pessoas sem avisar, se as virem a toda hora com "a 30" amarrada nas correias. Mas os cavalos são outra conversa. Se tivéssemos vindo a cavalo, já teríamos provado a água verde do rio e passeado os nossos estômagos pelas ruas do povoado, para a comida descer até eles. Já teríamos feito isso, se ainda tivéssemos todos aqueles cavalos que tínhamos. Mas tiraram os nossos cavalos também, junto com a carabina.

Volto-me para todos os lados e olho o planalto. Tanta terra é tamanha para nada. Os olhos da gente escorregam, não encontrando coisa alguma para os deter. Sô umas poucas lagartixas botam a cabeça pra fora dos seus buracos e, logo que sentem o braseiro do sol, correm e se escondem a sombrinha de uma pedra. Mas nós, quando tivermos que trabalhar aqui, o que é que vamos fazer para nos refrescar do sol, hein? Porque a nós o que eles deram foi esta crosta de pedra calcinada para semear.

Disseram:

— Do povoado pra cá é dos senhores.

Nós perguntamos:

— O planalto?

— Sim, o planalto. Todo o Planalto Grande.

Preparamos a boca pra dizer que não queríamos o planalto. Que queríamos a parte que estava junto ao rio. Do rio pra lá, pelas várzeas, onde há daquelas árvores chamadas casuarinas, as pradarias e a terra boa. Não esse couro duro chamado "o planalto".

Mas não deixaram que nós disséssemos as nossas coisas. O delegado não tinha vindo para conversar conosco. Pôs os papéis nas nossas mãos e disse:

— Não se assustem por haver tanto terreno sô para os senhores.

— É que o planalto, senhor delegado...

— São milhares e milhares de jereias.

— Mas não há água. Nem pra bochechar.

— E o temporal? Ninguém disse que os senhores iam receber terras de irrigação. Quando cho ver por lá, o milho vai crescer como se o espichassem.

— Mas, senhor delegado, a terra está sem força, dura. Não podemos acreditar que o arado se enterre nessa espécie de pedreira que é a terra do planalto. Seria preciso fazer buracos com o enxadão para enterrar a semente, e nem mesmo assim há certeza de nascer alguma

coisa. Não vai nascer nem milho nem coisa nenhuma.

— Isso os senhores digam por escrito. E agora podem ir. É o latifúndio que devem atacar, não o governo, que dá a terra aos senhores.

— Espere, senhor delegado. Nós não estamos falando nada contra o centro. É só contra o planalto... Não se pode lutar com o impossível. Foi isso o que dissemos... Espere que vamos explicar pro senhor. Olhe, vamos começar do começo...

Mas ele não quis ouvir.

Assim, deram pra nós esta terra. E nesta assadeira esbraseada querem que plantemos sementes de alguma coisa pra ver se alguma coisa brota e se levanta da terra. Mas aqui nada se levanta da terra. Nem urubu. De vez em quando vêm-se alguns deles, bem lá no alto, voando às carreiras tratando de sair o mais depressa possível deste terreno branco feito de torrões endurecidos, onde nada se movimenta e por onde se anda como que recuando.

Melitón diz:

— Esta é a terra que nos deram.

Faustino diz:

— O quê?

Eu não digo nada. Penso: "Melitón não está com a cabeça no lugar. Deve ser o calor que o faz falar assim. O calor que lhe atravessou o chapéu e esquentou a cabeça. Senão, por que diria o que está dizendo? Qual a terra que nos deram, Melitón? Aqui não existe nem aquele pouquinho de terra de que o vento precisa pra brincar de redemoinho".

Melitón torna a dizer:

— Vai servir pra alguma coisa. Vai servir, nem que seja para as éguas correrem.

— Que éguas? — pergunta Esteban.

Eu não tinha reparado bem no Esteban. Agora que ele está falando, reparo. Está vestindo um gibão que vai até o umbigo e debaixo do gibão estica o pescoço mais ou menos como uma galinha.

Sim, é uma galinha vermelha que o Esteban está levando debaixo do gibão. Vêm-se os seus olhos adormecidos e o bico aberto, como se bocejasse. Pergunto a ele:

— Escute, Teban, onde você apanhou essa galinha?

— É minha! — diz ele.

— Você não estava com ela antes. Onde foi que comprou, hein?

— Não comprei, é a galinha do meu quintal.

— Então você trouxe para provisão, não é?

— Não, trouxe para cuidar dela. Minha casa ficou só e sem ninguém pra lhe dar de comer, por isso é que a trouxe. Sempre que vou longe carrego com ela.

— Assim escondida ela vai sufocar. É melhor deixar ao ar livre.

Ele a acomoda debaixo do braço e sopra nela o ar quente da sua boca. Então diz:

— Estamos chegando ao despenhadeiro.

Eu já não ouço o que o Esteban continua dizendo. Colocamo-nos em fila para descer o barranco e ele vai bem na frente. Vê-se que segurou a galinha pelos pés e a balança a cada momento, para que não bata com a cabeça nas pedras.

Conforme descemos, a terra vai ficando boa. Sobe poeira de nós, como se fosse uma tropa de mulas que descesse por ali. Mas gostamos de nos encher de poeira. Gostamos. Depois de vir durante onze horas pisando a dureza do planalto, estamos nos sentindo muito bem, envolvidos nisso que pula sobre nós e sabe a terra.

Por cima do rio, sobre as copas verdes das casuarinas, voam bandos de jaçanãs verdes. É isso também que gostamos.

Agora os latidos dos cachorros se ouvem aqui, junto de nós. É que o vento que vem do povoado bate no barranco e o enche com todos os seus ruídos.

Esteban tornou a abraçar a galinha, quando nos aproximamos das primeiras casas. Desamarrou lhe os pés para desentorpecê-la e em seguida ele e sua galinha desapareceram por trás de uns *tempemezquites*¹.

— Eu fico por aqui! — diz Esteban para nós.

Nós seguimos adiante, mais para dentro do povoado.

A terra que nos deram está lá em cima.

"A Terra nos foi Dada" é um conto de "O Planalto em Chamas" do escritor mexicano JUAN RULFO. Nascido em 1918, o autor de "Pedro Paramo", pode ser considerado como um dos maiores escritores da América Latina.

¹ Espécie de árvore leguminosa, espinhosa parecida com acácia.

* * * * *

DIRETORIA	Presidente	: Claudio Vieira de Castro
	Vice-Presidente	: Etzel Ritter Von Stckert
DO	Secretária	: Maria Aparecida Gama
	Tesoureiros	: Elton Fernandes e Manoel Rothier A. Jr.
	Diretora Social	: Lucia Helena Lopes Ladeira
	Diretor de Divulgação	: Luis Fernando Sayão
C E R J	Diretor Técnico Geral	: Waldinar Santos de Menezes

O que foi feito amigo
de tudo que a gente sonhou
O que foi feito da vida
O que foi feito do amor
quisera encontrar
aquele verso menino
que escrevi há tantos anos atrás
falo assim sem saudade
falo assim por saber
se muito vale o já feito
mas vale o que será
e o que foi feito
é preciso conhecer
para melhor prosseguir
falo assim sem tristeza
falo por acreditar
que é cobrando o que fomos
que nós iremos crescer
outros outubros virão
outras manhãs plenas de sol e de luz

Milton e Brant